

NARRATIVAS FICTÍCIAS E SENSIBILIDADES HUMANAS: A PERFORMANCE DO INDIVÍDUO EM AUSTEN

Fictional narratives and human sensibilities: the performance of the individual in Austen

Narrativas ficticias y sensibilidades humanas: la actuación del individuo en Austen

Bruna Santana Aucar

Professora do Departamento de Comunicação da PUC-Rio. Editora do site do Programa de Pós-graduação em Comunicação da PUC-Rio e professora-assistente da coordenação do PPGCOM PUC-Rio.

E-mail: aucar@puc-rio.br

Thais Dias Delfino Cabral

Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da PUC-Rio e mestre pela mesma instituição. Integrante do laboratório de Antropologia do Consumo da PUC-Rio.

E-mail: thaisddcabral@gmail.com

Resumo

Este trabalho analisa a transformação do indivíduo na narrativa, por meio de uma comparação entre *Orgulho e Preconceito* (1813), de Jane Austen, e a adaptação *The Lizzie Bennet Diaries* (2013). Partindo do princípio que as obras de Austen permitem a compreensão de sensibilidades humanas, observam-se as (dis)similaridades em torno da performance do indivíduo no livro e na série digital. Para tanto, empreende-se uma revisão do conceito de “indivíduo” em Simmel (1998), Dumont (2000) e Ariès (2009).

Palavras-chave: Narrativa. Indivíduo. Modernidade. Adaptação. Orgulho e Preconceito.

Abstract

This work aims to analyze the transformation of the individual in fictional narratives through *Pride and Prejudice* (1813), written by Jane Austen, and its adaptation, *The Lizzie Bennet Diaries* (2013). Assuming that Austen's body of work allow the understanding of human sensibilities, (dis)similarities around the performance of individuality in the corpus are highlighted. An extensive review of the idea of “the individual” is conducted in the work of Simmel (1998), Dumont (2000) and Ariès (2009).

Keywords: Narrative. Individual. Modernity. Adaptation. *Pride and Prejudice*.

Resumen

Este trabajo tiene como objetivo analizar la transformación del individuo en las narrativas de ficción a través de *Orgullo y prejuicio* (1813), de Jane Austen, y su adaptación, *The Lizzie Bennet Diaries* (2013). El trabajo de Austen permite la comprensión de las sensibilidades humana, así se resaltan las (di)similitudes alrededor la actuación de la individualidad en el corpus. En el trabajo de Simmel (1998), Dumont (2000) y Ariès (2009) se realiza una revisión extensa de la idea de “individuo”.

Palabras clave: Narrativa. Individual. Modernidad. Adaptación. Orgullo y Prejuicio.

Introdução

A individualidade, conceitualmente, pode ser interpretada como a “[...] superação tanto interna quanto externa do indivíduo das formas comunitárias medievais que conformavam a forma de vida, a atividade produtiva, os traços de caráter dentro de unidades niveladoras, fazendo desaparecer os traços pessoais [...]” (SIMMEL, 1998, p.1). Embora seja difícil concordar quando, exatamente, essa valorização sistemática em torno do indivíduo começou a ser vista como um princípio em nossa sociedade, o século XV costuma ser um dos favoritos dos críticos. Georg Simmel (1998), de um seus defensores, afirma que foi na Renascença que se difundiram aspirações humanas desconhecidas até então, tais como poder, fama, prestígio e distinção. Aspectos que se materializaram socialmente através do indivíduo único, ocasionando um repouso das preponderâncias coletivas no imaginário da Idade Média. Para o autor, a noção de individualismo se caracteriza pela procura de formas de diferenciação que levam ao desenvolvimento da liberdade pessoal. O homem individualizado deveria se libertar das pressões, influências e desvios impostos por conveções formais, como doutrinas religiosas e estamento por nascimento, à procura de sua essência mais profunda. Essa busca por autonomia, a partir da emancipação de regras sociais, também leva a uma busca por singularidade e distinção. Simmel foi precursor de análises que conectam o individualismo à vida nas cidades. O fenômeno urbano e as relações trazidas com a era industrial foram pensados como responsáveis pela tomada de consciência da subjetividade humana, uma vez que promoveram o trânsito de pessoas em circuitos sociais abrangentes. O mundo multifacetado conduziria, portanto, o desenvolvimento da personalidade e o reconhecimento de si.

Para Philippe Ariès (2009), no entanto, é difícil reconhecer que houve uma mudança significativa das mentalidades entre o início da Idade Média e o final do século XVII. O autor chama atenção para o fato de que ainda é possível encontrar tipos antigos de sociabilidade no século XX. Simmel (1998), de fato, reconhece que a individualidade não permaneceu a mesma com o passar dos séculos, mas ele ainda percebe a questão como uma

formulação em evolução constante: do século XV, em que se resumia à busca por distinção social, pela posição que ocupam, ao século XVIII, em que se associou à ideia de liberdade, igualdade e fraternidade e, deste, ao século XX, em que o relevo social dado à ideia de autonomia produz também o desejo de distinção (SIMMEL, 1998). Já Ariès percebe que:

[...] há tantas mudanças na vida material e espiritual, nas relações com o Estado, depois com a família, que devemos abordar o período moderno como uma época à parte, autônoma e original, não esquecendo o que deve a uma Idade Média remanejada e tendo em mente que anuncia a época contemporânea. (ARIÈS, 2009, p.11)

Em concomitância a estes vieses teóricos, temos, ainda, um terceiro pensador que busca estudar a gênese do indivíduo moderno na sociedade: Louis Dumont. Dumont (2000), a partir de uma perspectiva antropológica, defende que a modernidade é marcada pelo individualismo, pensado como um conjunto de valores sociais globais, uma espécie de “configuração” das identidades não uma característica isolada. Essa abordagem destaca a relação do indivíduo com tudo que o cerca, o “indivíduo-no-mundo” (p.63). A partir da vinculação com os outros, o indivíduo poderá encontrar respostas sobre si próprio, através de comparações e percepções de sua singularidade. O autor coloca o indivíduo tanto como ser empírico quanto como valor. A primeira ideia referencia o sujeito como membro da espécie humana, integrante de todas as sociedades em diferentes momentos históricos, um ente universal, mas infra-sociológico, específico da nossa tradição cultural. Já o indivíduo pensado como valor carrega a representação basal da sociedade, é o advento norteador de uma nova percepção de mundo, é a concretização do ideal de autonomia, da noção ocidental de personalidade, através da qual as performances culturais são expressas. Portanto, somos sensibilizados aos valores associados ao indivíduo moderno, como a igualdade e a liberdade. Para compreender a emergência do conceito de indivíduo, no entanto, o autor afirma que é preciso um afastamento da ideologia moderna, pois, do contrário, a vemos como sendo natural ao invés de um conjunto de princípios construídos no tempo.

Porém, nesse texto não vamos discutir quando se deu a origem da formulação ideológica do indivíduo, mas sim como ela foi performatizada em diferentes formas narrativas. Para tanto, elegemos a literatura como uma fonte confiável para compreender tais apropriações performativas do indivíduo moderno. Afinal, produzida em um contexto específico, a literatura é também discurso social, é uma forma de expressão atravessada pela cultura, tornando-se, assim, um objeto de estudo bastante relevante.

Desta forma, buscamos observar a transformação do indivíduo na sociedade através da narrativa ficcional. Muitos autores, como Howard Becker (2009), defendem a literatura enquanto peça cultural fundamental para a construção de uma antropologia do cotidiano, uma forma de compreender a sociedade por meio da ficção. Wolfgang Iser (1993), inclusive, vai além ao afirmar que a literatura é um espaço que permite a contemplação do potencial multifacetado da vida humana. Essa linha de raciocínio levou ao estudo aprofundado de inúmeras obras literárias, dentre as quais, invariavelmente, encontram-se as de Jane Austen, uma das escritoras mais conhecidas da Inglaterra. Seus livros são uma fonte de curiosidade e de conhecimento para acadêmicos ao redor do mundo (TODD, 2017) por oferecerem um retrato fidedigno dos costumes de sua época, pelos quais podemos entender muitos códigos sociais.

Dentre todas suas obras, selecionamos *Orgulho e Preconceito*, de 1813, como ponto de partida para nossa análise devido à sua popularidade – com 22 adaptações para a televisão e o cinema; mais de 100 adaptações para livros; e inúmeras reimpressões do original – e influência. Para fins comparativos, escolhemos a *web série* americana *The Lizzie Bennet Diaries* (2012–2013), que, produzida para comemorar os 200 anos da primeira impressão de *Orgulho e Preconceito*, não só foi considerada a melhor adaptação da obra literária pelo jornal britânico *The Guardian* (2013) como também foi a primeira série digital a ganhar um Emmy Award (2013)¹. *The Lizzie Bennet Diaries* tenta ser fiel à história de Austen em sua adequação ao século XXI. Podemos, então, observar as continuidades e descontinuidades no discurso narrativo das duas versões, assim como o modo como a performance do indivíduo se estabelece em ambas. O trabalho, de natureza teórica, utiliza o método da análise do

discurso, que defende a linguagem como um modo de produção social de mediação entre o homem e a sua realidade (BRANDÃO, 2014).

Dessa forma, começaremos contextualizando *Orgulho e Preconceito* (1813) com os trabalhos de Howard Becker (2009) e Janet Todd (2017) para, em seguida, relacionar a história à retórica de Louis Dumont (2000), Eduardo Viveiros de Castro (2002) e Nicole Castan (2009). Depois, analisaremos a série *The Lizzie Bennet Diaries* (2013) sob a perspectiva de autores como Louis Dumont (2000), Paula Sibilia (2008) e Caroline Haroche (2013). Com essa argumentação, buscamos estimular o debate sobre a apropriação performática do indivíduo na narrativa, a fim de mostrar como tais representações são indicativas de costumes, valores e aspectos políticos de determinadas temporalidades.

Entre *universitas* e *societas*: *Orgulho e Preconceito* (1813)

Em *Orgulho e Preconceito* (1813) somos transportados para a Inglaterra do período da Regência Britânica. Especificamente, para a cidade rural (fictícia) de Longbourn, no condado de Hertfordshire, a 40 quilômetros de Londres. A história começa com uma das frases mais famosas da literatura inglesa: “É verdade universalmente reconhecida que um homem solteiro e muito rico precisa de esposa.” (AUSTEN, 2014 [1813], p.237). Inócua à primeira vista, essa frase, na realidade, introduz um dos temas centrais da trama: o matrimônio. Ou melhor, o matrimônio em uma sociedade extremamente marcada, tanto social quanto juridicamente, pelas categorizações de classe e riqueza (BECKER, 2009) do início do século XIX. Em *Orgulho e Preconceito* (1813), somos apresentados a diversos tipos de casamentos, bons, ruins e de interesse mútuo, que exploram as teias sociais complexas da época. Isso inclui negociações entre o querer do indivíduo e a expectativa da sociedade, como é possível observar no extrato abaixo, em que Charlotte Lucas, amiga de longa data de Elizabeth Bennet, pensa sobre a proposta de casamento que aceitou.

O sr. Collins, [...], não era nem inteligente nem agradável; sua companhia era maçante e seu amor por ela, provavelmente imaginário. Sem ter em alta conta nem os homens, nem o

¹ Publicado em 28 de janeiro de 2013. <https://www.theguardian.com/tv-and-radio/tvandradioblog/2013/jan/28/youtube-austen-pride-and-prejudice>.

matrimônio, o casamento sempre fora seu objetivo; era o único futuro para uma moça bem educada, de pequena fortuna, e, ainda que não fosse certo que trouxesse a felicidade, devia ser a mais agradável proteção contra a necessidade. Ela conseguira essa proteção; e aos vinte e sete anos de idade, [...], percebia a sorte que tivera. (AUSTEN, 2014 [1813], p.311, grifo nosso)

Para Becker (2009), este exemplo traz um panorama sobre as ligações conjugais e as situações que as mulheres se submetem a fim de se inserir nessa condição social. A srta. Lucas, que mais tarde se tornará sra. Collins, não tem o matrimônio ou os homens em alta estima. Isso, no entanto, não significa que ela não queira se casar. Ocorre que, naquela época, só existiam duas opções para uma mulher que permanecesse solteira: tornar-se uma governanta ou realizar tarefas nas redondezas. Nenhuma das duas, porém, oferecia segurança financeira em longo prazo (TODD, 2017). Assim, é verdade, que existe uma grande aflição sobre um futuro sem renda ou prosperidade, uma “sombra” que paira sobre as mulheres (TODD, 2017), e que não se refere somente às lamúrias do amor. O casamento, no século XVIII e XIX, significa a proteção contra a necessidade, entre outras vantagens – como o *status* – que o matrimônio garantia às mulheres. Por isso, Charlotte está disposta a suportar uma união desprovida de sentimentos afetuosos pelo parceiro, como indica essa passagem:

A sala em que as damas se reuniam ficava na parte de trás da casa. No começo, Elizabeth até estranhou que Charlotte não preferisse a sala de jantar para o uso comum; era uma sala maior e de aspecto mais agradável; mas logo percebeu que a amiga tinha uma excelente razão para a sua escolha, pois o sr. Collins teria permanecido muito menos em seus próprios aposentos, se elas se reunissem numa sala igualmente agradável; e louvou Charlotte pelo arranjo. (AUSTEN, 2014 [1813], p.337, grifo nosso)

Para além do cenário da condição das mulheres no início do século XIX é preciso pensar em como os personagens de *Orgulho e Preconceito* (1813) se estabelecem como indivíduos, no sentido de estarem conectados com a moral, a essência, a independência e a autonomia valorizados pela construção ideológica moderna em oposição ao sentido de “[...] sujeito empírico da palavra, do pensamento, da vontade, amostra indivisível da espécie humana,” (DUMONT, 2000, p.75, grifo do autor). Ou vice-versa. O século XIX pode ser tanto a ascensão quanto o início da noção de indivíduo moderno, dependendo do autor que se consulte. Dumont (2000) crê na primeira opção. Para ele, como mencionado anteriormente, a gênese do indivíduo se dá junto à do Estado, no século XIII, chegando ao seu clímax no século XVIII. Entretanto, isso não implica no abandono de conceitos-chave cunhados pelo autor em seu livro *O individualismo* (2000), tais quais os de *universitas* e *societas*, que seriam dois modelos de sociabilidade diferentes. A *universitas* refere-se ao sujeito empírico e a *societas*, ao sujeito moral. Explicando de outro modo, *universitas*, como o nome dá a entender, refere-se a uma comunidade centrada em uma totalidade arraigada, profunda, inerente aos humanos, de onde provém nossas ações e valores, enquanto *societas*, a uma sociedade formada por partículas únicas que deram forma a acordos culturais gerados por interesses difusos, conjunturas existenciais construídas. Dessa forma, podemos entender os conceitos dentro da oposição natureza-cultura, como explica Viveiros de Castro:

[societas] se funda na idéia de contrato entre átomos individuais ontologicamente independentes: a sociedade é um artifício resultante da adesão consensual dos indivíduos, guiados racionalmente pelo interesse, a um conjunto de normas convencionais; [...] A [universitas] se funda na idéia de um todo orgânico preexistente empírica ou moralmente a seus membros, que dele emanam e retiram sua substância: a sociedade é uma unidade corporada orientada por um valor transcendente; ela é um ‘universal concreto’ onde a natureza humana se realiza. (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p.184-5)

Sabendo que *universitas* e *societas* representam diferenças, imagens de sociedades combinadas historicamente de variadas formas (VIVEIROS DE

CASTRO, 2002), é possível argumentar que, por meio de seus personagens, *Orgulho e Preconceito* (1813) expõe a mentalidade dominante do período retratado. Por exemplo, na passagem abaixo, em que descobrimos que o significado da chegada de um homem de grande fortuna em uma vizinhança, podemos perceber que, à princípio, não existe abertura para indivíduos, mas sim verdades absolutas da sociedade.

É verdade universalmente reconhecida que um homem solteiro e muito rico precisa de esposa. Por menos conhecidos que sejam os sentimentos ou as ideias de tal homem ao entrar pela primeira vez em certo lugarejo, tal verdade está tão bem arraigada na mente das famílias que o rodeiam, que ele vem a ser considerado propriedade legítima de uma que outra de suas filhas. (AUSTEN, 2014 [1813], p.237, grifo nosso)

Como Becker notou em seu livro *Falando de sociedade* (2009), o uso da expressão ‘verdade universalmente reconhecida’ por parte de Austen nos coloca em alerta. Em uma única frase, Austen exhibe um elemento unificador da consciência coletiva daquela época – reiterada através da frase: ‘tal verdade está tão bem arraigada na mente das famílias que o rodeiam’ – no que diz respeito ao matrimônio e aos homens solteiros e ricos. Uma situação parecida pode ser observada mais tarde, durante o primeiro baile em que os recém-chegados – sr.Bingley, srta.Bingley, sr.Hurst, sra.Hurst e sr. Darcy – comparecem em Meryton, embora, nesse caso, as vantagens sociais atribuídas ao homem solteiro e rico sejam inutilizadas diante de deslizes sociais inaceitáveis para a comunidade local.

² Um artigo disponível no site da JASNA – *The Jane Austen Society of North America* – explica melhor quão rico o sr. Darcy seria e como isso seria percebido na época. De acordo com o autor, o professor universitário James Heldman, “O sr. Darcy não é o mais rico dos personagens de Jane Austen. [...] Ainda assim, o Sr. Darcy é muito rico. Ele tem uma renda de 10.000 libras por ano; [...] A renda do sr. Darcy é, pelo menos, 300 vezes maior do que a renda per capita da época.” (HELDMAN, 1990, p. 38-49, tradução nossa).

O sr.Bingley logo fez amizade com todas as principais pessoas do salão; era animado e expansivo, dançava todas as danças, zangou-se porque o baile acabou tão cedo e falou em dar ele mesmo um baile em Netherfield. Tais qualidades simpáticas falavam por si mesmas! Que contrasta entre ele e o amigo! O sr. Darcy só dançou uma única vez com a sra.Hurst e outra com a srta.Bingley, recusou-se a ser apresentado a qualquer outra mulher e passou o resto da festa a caminhar pelo salão, conversando de quando em quando com alguém de seu próprio grupo. Não havia dúvidas sobre o seu caráter. Era o mais orgulhoso e desagradável homem do mundo, e todos esperavam que nunca mais aparecesse [...]. (AUSTEN, 2014 [1813], p.241)

Com uma renda de 10.000 libras ao ano², o sr. Darcy é duas vezes mais rico que o sr. Bingley. No entanto, por mais rico que ele seja, sua não-conformação com os costumes de Meryton o tornam, aos olhos dos habitantes locais, muitas vezes mais desagradável – e, inclusive, uma união menos vantajosa – do que o sr. Bingley, que participa alegremente das festas e dos jantares da vizinhança. A mãe da protagonista, diante de uma afronta à Elizabeth, esnobada pelo o sr. Darcy no baile, afirma que “[...] Lizzy não perde muito por não corresponder às fantasias *dele* [de uma mulher bonita]; pois se trata de um homem desagradabilíssimo, medonho, que não merece consideração [...] Ah, como detesto aquele homem.” (AUSTEN, 2014 [1813], p.243). A não-conformação do sr. Darcy é vista como sinal de orgulho excessivo por parte do cavaleiro, impressão que fica por grande parte da história e, na realidade, piora da metade para o final quando George Wickham, um oficial da milícia britânica³, conta aos habitantes locais que o sr. Darcy não cumpriu uma promessa feita ao próprio pai, o antigo sr. Darcy,

³A milícia britânica era formada por homens, entre 19 e 45 anos, que eram sorteados e, por conseguinte, convocados pelo Rei e, mais tarde, pelo Parlamento. Se tornavam soldados quando corporificados em tempos de guerra. Até 1796, eram sorteados 1/18 britânicos. Em 1976, vivendo uma crise na guerra com a França, eram sorteados 1/6 britânicos (BREIHAN; CAPLAN, 1992).

em seu leito de morte. A notícia é recebida como mais uma prova da falta de caráter do cavalheiro e “[...] todos ficavam satisfeitos em ver o quanto sempre haviam antipatizado com o sr. Darcy, mesmo antes de saberem algo sobre o caso.” (AUSTEN, 2014 [1813], p.320).

Ocorre, entretanto, que, aqui, tratamos da civilidade no século XVIII, período em que surgiam novas práticas e expectativas culturais (REVEL *et al*, 2009). O espaço social era dirigido pela ideia de existência coletiva, sociabilidade distintiva, com normas e ritos pouco maleáveis, aplicados a todos os indivíduos (REVEL *et al*, 2009). Em *Orgulho e Preconceito* (1813), observamos como o sr. Darcy é rechaçado devido à sua inabilidade – ou, mesmo, reticência – em se relacionar com os habitantes de Meryton. Entretanto, o sr. Darcy também protagoniza outras cenas que contrariam a noção de civilidade da época, que sufocava o indivíduo em torno de comportamentos rígidos, sejam eles familiares, comunitários, cívicos ou rurais (REVEL *et al*, 2009). Um exemplo é a confissão que ele faz à Elizabeth Bennet enquanto ela está hospedada na casa do sr. e da sra. Collins: **“Tentei lutar, mas em vão. Não consigo mais. Não posso reprimir meus sentimentos. Você tem que me permitir dizer com quanto ardor eu admiro e amo você.”** (AUSTEN, 2014 [1813], p.349, grifo nosso).

Os desejos do indivíduo se sobrepõem, assim, às regras sociais vigentes. A tia do sr. Darcy, Lady Catherine De Bourgh, que é contra a união, é categórica ao dizer para Elizabeth Bennet que “[...] a prudência, o decoro e até o interesse [a] proibem. [...] Será criticada, humilhada e desprezada por todos os conhecidos dele [sr. Darcy]. **Sua união será uma desgraça**; seu nome nunca mais será pronunciado por nenhum de nós.” (AUSTEN, 2014 [1813], p.448, grifo nosso). A objeção à união não se dá tão somente pelo desejo de ver sua filha, a srta. De Bourgh, casada com o sr. Darcy, mas também devido ao *status* de Elizabeth Bennet, “[...] uma jovem sem família, sem ligações, sem dinheiro” (AUSTEN, 2014 [1813], p.448). E, nesse momento, nos encontramos entre a *universitas* e a *societas*, o todo e a parte, em *Orgulho e Preconceito* (1813). Da mesma forma que o sr. Darcy escolhe Elizabeth Bennet, Elizabeth Bennet escolhe o sr. Darcy. Não por causa das convenções sociais, mas por amor, sentimento visto como essencialmente individual, de características holísticas. O universo, portanto, teria naturalmente contribuído para o cumprimento das normas sociais.

O sr. Darcy, no entanto, não é o único que desafia, intencionalmente ou não, beneficemente ou não, a ideia de *societas*. Elizabeth Bennet o faz durante seu último encontro com Lady Catherine De Bourgh, em que se recusa a prometer jamais casar com o sr. Darcy. Mais interessante ainda é a sua recusa do pedido de casamento do sr. Collins, seu primo, que não só garantiria um futuro sossegado como também asseguraria à família que Longbourn, em que moravam, não cairia nas mãos de estranhos já que nenhuma das filhas do sr. Bennet poderia herdar a propriedade, pois não estava disposta a “[...] sacrificar todos os melhores sentimentos em favor de vantagens mundanas.” (AUSTEN, 2014 [1813], p.313). A própria Charlotte apresenta um ato de interesse pessoal ao se casar sem pretensões similares às outras personagens femininas, que buscavam o amor, e sim com a intenção de encontrar estabilidade. Ademais, pelo pouco que podemos ver de sua vida familiar com o sr. Collins, Charlotte é “[...] serva [...] mas também senhora, e esta última condição lhe confere a autoridade necessária para desempenhar tarefas [...]” (CASTAN, 2009, p.407-408). Tais posturas ocasionam uma revisão da subordinação absoluta ao chefe da família e estabelecem uma partilha de poderes incomum ao período. É verdade, no entanto, que o trabalho doméstico feminino não era – nem é – de fato reconhecido (CASTAN, 2009). Charlotte, porém, talvez seja a personagem que deixa a divisão entre *universitas* e *societas* mais turva, pois se, por um lado, ela não desafia as convenções sociais, ela as torna favoráveis à sua pessoa. Como ela mesma diz,

[...] não sou romântica; nunca fui. Quero apenas um lar decente; e considerando o caráter, as relações e a situação financeira do sr. Collins, estou certa de que as minhas possibilidades de ser feliz com ele são tão razoáveis quanto as da maioria das pessoas que chegam à condição matrimonial. (AUSTEN, 2014 [1813], p.313, grifo nosso)

Até aqui, vimos que, independente do século exato em que ocorre a gênese do indivíduo moderno, *Orgulho e Preconceito* (1813), como concebido por Austen, encontra-se em um momento de transformações, de uma sociedade com desejos mais latentes para uma sociedade unida por interesses pessoais.

Ademais, observam-se, na história, as relações existentes entre o indivíduo e a sociedade. Vimos, a partir do casamento, a luta constante entre o querer e o dever, seja para o bem ou para o mal. Agora, entretanto, veremos como os mesmos personagens são incorporados ao século XXI, a partir da adaptação do livro para o formato audiovisual, a fim de interpretar como as tensões entre o indivíduo e a sociedade se manifestam em um mundo diferente e como as podemos diferir dos séculos XVIII e XIX.

1. O show do “eu”: *The Lizzie Bennet Diaries* (2013)

O alcance de *Orgulho e Preconceito* (1813) não é nenhuma novidade. E é difícil encontrarmos produtos culturais – livros, filmes, séries, entre outros – que não tenham sido inspirados pela obra de Jane Austen de alguma forma. Porém, enquanto alguns trabalhos foram simplesmente influenciados por ela, outros tentaram subvertê-la. Desde viagens no tempo até zumbis⁴, existe pouca coisa que não tenha sido feita com a história sobre a aristocracia rural inglesa dos séculos XVIII e XIX. Levando tudo isso em consideração, a *web série The Lizzie Bennet Diaries* (2013) é uma adaptação inocente – e relativamente fiel – do material original. Com 100 episódios de três a oito minutos, a série digital, feita em comemoração ao bicentenário do lançamento do livro de Austen, é formatada como se fosse o diário, aqui chamado *devlog*⁵, de Elizabeth ‘Lizzie’ Bennet, uma estudante universitária que mora com seus pais, suas irmãs e sua gata, Kitty. O *vlog* é criado para um trabalho de conclusão de curso, realizado com a ajuda de sua melhor amiga, Charlotte Lu. Por meio deste dispositivo, Lizzie divide sua vida – e seus problemas – com a audiência: da mãe obcecada em casar as filhas aos vizinhos irritantes. Ocorrem mudanças, de magnitudes diferentes, de *Orgulho e Preconceito* (1813) para *The Lizzie Bennet Diaries* (2013): as irmãs Bennet deixam de ser cinco e se tornam três; nomes são alterados; e as distâncias tornam-se mais curtas.

É importante pontuar, no entanto, que uma das maiores mudanças do original para a adaptação é a questão matrimonial. Nos séculos XVIII e

XIX, o casamento era essencial para o futuro de uma mulher devido à segurança financeira e ao status que uma boa união trazia consigo. Assim sendo, é um tema caro à *Orgulho e Preconceito* (1813). Já na série, muitas dessas preocupações ao redor do casamento foram transferidas para o trabalho, valor cultural responsável pelo sustento e pelo sentimento de satisfação individual. Nesse sentido, o amor se torna uma aspiração secundária. Um aspecto que permanece imutável, entretanto, é o desejo ardente da Sra. Bennet que suas filhas se casem logo. De preferência, com homens ricos.

É interessante observar, por exemplo, os paralelos nas trajetórias de Charlotte Lucas e de Charlotte Lu. Ambas são personagens pragmáticas que aceitam as propostas, respectivamente, do sr. Collins e de Ricky Collins. A diferença crucial está em que consistem essas propostas. No caso de Charlotte Lucas é o casamento, já no de Charlotte Lu é uma proposta de emprego. As duas alternativas oferecem estabilidade econômica em um cenário em que ela não era garantida e até mesmo algo difícil de obter. Charlotte Lu permanece suficientemente fiel à personagem original, mas em *The Lizzie Bennet Diaries* (2013), ela se torna uma integrante mais ativa e, graças às transformações sociais dos últimos séculos, toma um rumo diferente. “Ao final dos vídeos, Lizzie visita sua amiga no novo escritório em “Collins e Collins” e reflete sobre como a vida matrimonial foi substituída pela vida profissional. Na história original, Elizabeth visita Charlotte Collins em sua nova casa, em Kent” (RODRÍGUEZ, 2015, p.142, tradução nossa). Retirar o casamento do destino de Charlotte Lu, entretanto, é uma escolha bem interessante visto que a personagem, mesmo no original, jamais mostrou interesse no matrimônio. Esse, assim sendo, é mais um sinal da mudança dos tempos e, por conseguinte, da mudança da performance do indivíduo, em geral, e da mulher, em particular.

Já o relacionamento dos personagens Jane Bennet e Bing Lee, novo vizinho dos Bennets, se desenrola de maneira diferente da história original, em razão do contexto socio-histórico da *web série*. Jane e Bing começam a namorar, mas, sem dar nenhuma explicação, Bing desaparece e, depois,

⁴ Como a obra de Jane Austen é parte do domínio público, seu trabalho foi adaptado de diversas maneiras. Existem adaptações que adicionam elementos fantásticos ou de ficção científica ao material original. “Orgulho e Preconceito e Zumbis” é um livro lançado em 2009, que, mais tarde, virou filme.

⁵ A palavra *vlog* é resultado da contração das palavras vídeo + blog. A diferença do *blog* para o *vlog* está no formato em que o conteúdo do canal é distribuído. Ou seja, textos e vídeos, respectivamente. A pessoa responsável por um *vlog* é o *vlogger*, que, em geral, atualiza a página diariamente ou semanalmente.

retorna. No entanto, diferentemente da época do livro, agora os homens não ganham o perdão das mulheres com tanta facilidade. Na série, Jane vai refletir bastante antes de aceitá-lo novamente e continuar o relacionamento. No final, os espectadores são informados que Bing deixou o treinamento médico porque não estava feliz e Jane conseguiu um emprego bem-sucedido no campo da moda em Nova Iorque. Portanto, é ela quem se muda e Bing, o homem, a segue. Assim, a abordagem moderna de *Orgulho e Preconceito* apresenta papéis invertidos se comparados ao texto do século XIX (RODRÍGUEZ, 2015).

A noção de civilidade dos séculos XVIII e XIX, bastante presente em *Orgulho e Preconceito* (1813), não aparece com tanta ênfase em *The Lizzie Bennet Diaries* (2013). No entanto, isso não significa que os princípios da civilidade foram completamente descartados da narrativa. Afinal, a própria Lizzie traz diversos incidentes à tona em que argumenta que o comportamento de uma pessoa deveria ter sido diferente devido às circunstâncias, como é o caso do trecho abaixo, em que ela discute a conduta de Darcy na festa de casamento de amigos em comuns.

Mas Darcy... Que galanteador! [...]. **Tipo, você não pode fingir que está feliz e forçar um sorriso?** Então lá estava eu, sendo uma dama, seguindo seu ritmo. Ou melhor, tentando. (Episódio 7, *The Lizzie Bennet Diaries*, grifo nosso)

Ao perguntar se ele não poderia ‘fingir que está feliz e forçar um sorriso?’ sua falta de civilidade para com ela é criticada por tê-la constrangido em uma situação em que tal coisa poderia ter sido evitada facilmente. Assim como na história original, Darcy também é criticado pela falta de interação com os outros convidados, de modo que seja rotulado como um esnobe. Dessa forma, muitas das condutas vistas como inaceitáveis na história original se repetem na série digital, demonstrando que a noção de civilidade não deixou de existir, mas tornou-se menos rígida.

Isso não significa, porém, que não existam mais expectativas sociais; elas simplesmente alteraram-se com o passar do tempo. Agora, além de

conviver com certas pressões do passado – no caso das mulheres, casar e ter filhos –, em *The Lizzie Bennet Diaries* (2013) percebe-se que a “[...] sociedade contemporânea, fundamentada em uma aceleração contínua e guiada unicamente pelos valores do desempenho, rentabilidade, juventude e sucesso, nos leva a viver quase exclusivamente no registro do Eu” (HAROCHE & AUBERT, 2013, p.355). O *vlog*, assim, não é só um trabalho de conclusão de curso, mas também uma forma de mostrar seu talento em uma sociedade tão conectada, tão midiaticizada e tão competitiva quanto a do século XXI. O indivíduo precisa fazer o oposto do que era feito nos séculos XVIII e XIX: aparecer (SIBILIA, 2008).

Nos séculos XVIII e XIX, a intimidade é confinada a espaços apartados, solitários e silenciosos, tais como o quarto, o jardim, a biblioteca, locais de refúgio, onde os sentimentos não podem e não devem ser compartilhados (REVEL *et al.*, 2009). No século XXI, as fronteiras entre público e privado estão cada vez mais questionáveis. Quando falamos de redes sociais, grupo em que o *vlog* está incluído, a situação torna-se ainda mais complexa porque a tecnologia digital cria ambientes públicos com aparência de privacidade (MURRAY, 1999). Pensando no universo de *The Lizzie Bennet Diaries* (2013), o *vlog* é gravado no quarto da protagonista, local que, antes, era considerado um dos mais íntimos possíveis, perdendo somente para possíveis alcovas. Assim sendo, a noção de intimidade apresentada anteriormente é desconstruída, o privativo tende a desaparecer. Como coloca Haroche (2013), a contemporaneidade não dá direito ao que é intrínseco no indivíduo, enfatizando tudo aquilo que é passível de ser visto. Sofremos, agora, com a visibilidade excessiva.

Lizzie, assim como Jane, Lydia, Bing Lee, Darcy, Mary e Charlotte, está no *Twitter*; Jane tem uma conta no *Tumblr*⁶; e Lizzie e Lydia têm canais no *YouTube*. O fato de que todos esses personagens estão presentes nas redes sociais é uma prova, por si só, do quanto a vida social submete-se ao imperativo da visibilidade. Seja para correr atrás dos seus sonhos, para um projeto de conclusão de curso ou por coerção social, é obrigatório estar nas redes sociais. Se o outro não te valida – não curte, não ama, não dá *like* –, você

⁶ Plataforma para desenvolvimento de *blogs* pessoais, com possibilidades de publicação de textos, imagens, áudio. Os usuários podem seguir outros usuários e ver seus posts como em uma linha do tempo. (Google Play, 2019).

não existe (HAROCHE, 2013). Em *The Lizzie Bennet Diaries* (2013), as redes sociais são vistas de forma muito positiva. Poderíamos até mesmo dizer que Lizzie é muito *pró-ativa* ao criar seu *vlog* e se arriscar na internet. Pelo menos, essa é a impressão que fica. Afinal, ela está cumprindo com as expectativas de uma sociedade performática, resultando em uma combinação peculiar “[...] do slogan *faça você mesmo* com o novo mandado *mostre-se como for*,” (SIBILIA, 2008, p.14, grifo do autor).

Entretanto, quando George Wickham, namorado de Lydia Bennet, cria um site para divulgar um vídeo íntimo dos dois, mostra-se o perigo da internet. Descobrimos o que está acontecendo no episódio 84, mas é somente no episódio seguinte que vemos a reação de Lydia, que, antes, não sabia da situação. E, depois, não consegue acreditar no que está acontecendo. Lydia, que, em geral, está suficientemente confortável em dividir sua vida com a internet através do seu *vlog* e do *vlog* da sua irmã, fica chocada ao ver o que Wickham fez.

*Lizzie: Eu sei quão convincente ele pode ser, mas no que você estava pensando? [mostra site] **Você sabe que tudo na internet é para sempre, certo? Quero dizer, isso vai te seguir pelo resto da sua vida. Você pode não ligar agora, mas...** Lydia?*

Lydia: Isso é uma piada, né? É uma piada! Ele... George... Alguém... É uma piada.

Lizzie: Você não sabia... Meu deus...

*Lydia: Não! Não, não, não! **Isso não é real. Isso... não está acontecendo. Ele nunca iria... Ele me ama. Ele me ama. Isso não é... Não, não, não [chorando].** (Episódio 85, *The Lizzie Bennet Diaries*, grifo nosso).*

Poderíamos abordar diversos assuntos — bastante polêmicos, diga-se de passagem — somente nesse extrato. Poderíamos falar de relacionamentos

⁷ A pornografia de vingança, em uma tradução literal do termo em inglês, é o ato de expor fotos ou vídeos íntimos de uma pessoa, em geral um/a parceiro/a, na internet com o intuito de humilhá-lo/a.

abusivos, *revenge porn*⁷, *victim shaming*⁸, entre outras práticas sociais ganharam *momentum* na Web 2.0. Vamos nos concentrar, entretanto, na intimidade na era da extimidade (SIBILIA, 2008), termo usado para designar o fim da intimidade em uma sociedade em que tudo precisa ser exposto. Firmemente alocada junto ao conceito de *societas*, tal como foi definido por Dumont (2000), podemos concluir que, em primeiro lugar, os limites da extimidade e, por conseguinte, da intimidade são definidos pelo próprio indivíduo — e, portanto, pode variar de um indivíduo para o outro, desde que enquadrados dentro dos pactos culturais de seu tempo histórico. Ademais, podemos argumentar que, *societas* ou não, continuam a existir normas sociais regulamentando os atos individuais e controlando as esferas do desejo. Ou seja, ainda existem assuntos vistos como sendo íntimos demais para serem expostos. Em geral, quando o são, as partes envolvidas são alvo de retaliações sociais, de maior ou menor grau, como insultos e ameaças. No caso de Lydia, o fato de ser uma mulher torna sua situação ainda mais precária. Ainda assim é possível traçar alguns paralelos entre a sociedade atual e a sociedade oitocentista.

Considerações finais

Existem 200 anos de diferença entre as duas obras analisadas, mas, como sublinha Todd (2017), certos assuntos são inextinguíveis. Como é o caso da relação entre indivíduo e sociedade. Simmel (1998), Dumont (2000) e Ariès (2009) se preocuparam em desvendar a gênese do indivíduo moderno — e, por conseguinte, a gênese dos valores do indivíduo moderno. A preocupação desse artigo, por outro lado, foi buscar as continuidades e descontinuidades da apropriação performática do indivíduo em uma mesma história contada em séculos diferentes, com o intuito de ter uma noção mais clara do indivíduo como ser. A partir da abordagem qualitativa do indivíduo como árbitro das questões morais, como referência do ideal ocidental de personalidade, as performances da cultura são então delineadas.

⁸ A culpabilização é o ato de desvalorizar a vítima de um crime, responsabilizando-a pelo ocorrido. Como ocorre, por exemplo, nos casos em que a mulher é culpabilizada caso seu parceiro vaze fotos e vídeos íntimos do casal.

Sem a pretensão de encerrar o debate, foram utilizados, principalmente, os conceitos de *universitas* e *societas*. E, desses, partiram outros conceitos, como o de civilidade, de intimidade, de visibilidade e, finalmente, de extimidade. O ideal de liberdade, como defendeu Simmel (1998), é fundamental ao indivíduo moderno e, portanto, está presente, em maior ou em menor grau, em cada um desses conceitos. O autor destaca a responsabilidade de cada um sobre seu próprio destino. Nesse sentido, a performance individual se transforma em obrigação ética, uma vez que materializa a busca por diferenciação dentro de uma pluralidade com efeitos mútuos.

Em *Orgulho e Preconceito* (1813) sentimos a força da sociedade enquanto em *The Lizzie Bennet Diaries* (2013) vemos uma ênfase maior no indivíduo. Tais diferenças não podem ser atribuídas somente ao formato dessas obras. Ao contrário, é necessário observar o contexto histórico envolvido em sua criação. *Orgulho e Preconceito* (1813) está entre dois momentos da transformação da noção de indivíduo moderno. *The Lizzie Bennet Diaries* (2013) está em um dos extremos.

As amarras sociais se afrouxaram – e isso não se deve somente às conquistas nos direitos das mulheres, mas também às transformações técnicas das últimas décadas. Porém, se, por um lado, temos mulheres mais liberadas em *The Lizzie Bennet Diaries* (2013), por outro, surgiram novas formas de controle social. A civilidade e a intimidade, noções tão caras à sociedade nos séculos XVIII e XIX, não fazem mais tanto sentido no século XXI. Ainda assim, também não foram totalmente esquecidas, como pudemos observar nos extratos da série. Elas ainda ditam os limites na era da visibilidade (HAROCHE, 2013) e da extimidade (SIBILIA, 2008). Ademais, certas expectativas sociais em relação às mulheres – como o matrimônio – não diferem tanto daquelas do século XVIII ou XIX. Pensando no universo da série digital, é possível argumentar que Lydia, vítima de *slut-shaming* e *victim blaming* devido às ações de um terceiro, é o maior exemplo de que, por mais que a sociedade tenha mudado nos últimos séculos, tal como Ariès (2009) defende, ainda é possível ver práticas de sociabilidade comuns entre os séculos XVIII e XIX e o século XXI. Eles não são tão diferentes quanto imaginávamos. Em especial, quando falamos da situação das mulheres.

Em *Orgulho e Preconceito* (1813), Elizabeth Bennet, sr. Darcy, Charlotte Lucas e Lydia Bennet, diga-se de passagem, oferecem epifanias interessantes

sobre a mentalidade da época. Elizabeth e o sr. Darcy desafiaram, em diversos momentos, para o bem ou para o mal, as convenções sociais do período; Lydia chocou à todos ao fugir com Wickham; Charlotte soube manusear os ideais oitocentistas de acordo com seus interesses. É verdade que, no final, todos se conformam, de uma forma ou de outra, com as expectativas sociais, mas é nesses personagens que vemos a centelha do que é retratado em *The Lizzie Bennet Diaries*. Os ideais de civilidade e intimidade mudaram, mas ainda é possível ver paralelos o suficiente – na expectativa de que os indivíduos participem de manejos sociais, na expectativa de que as mulheres casem e constituam família e na expectativa que os indivíduos façam aquilo que lhes é requisitado, seja ter uma família ou ter um emprego – entre um e outro.

Referências

- Ariès, P. (2009). Por uma história da vida privada. In Chartier, R. (Ed.). *História da vida Privada* 3 (p.9-26). Cia das Letras.
- Aubert, N. & Haroche, C. (Eds). (2013). *Tirania da visibilidade*. Fap-Unifesp.
- Austen, J. (2014). *Orgulho e Preconceito*. Editora Martin Claret. (originalmente publicado em 1813).
- Becker, H. (2009). *Falando de sociedade: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social*. Editora Zahar.
- Bradão, H. H. N. (2014). *Introdução à análise do discurso*. Editora Unicamp.
- Breihan, J. & Caplan, C. Jane Austen and the militia. In *Persuasions: Journal of The Jane Austen Society of North America*, No 14, 1992, p.16-26. <<http://www.jasna.org/publications/persuasions/no14/breihan-caplan/>>.
- Castan, N. (2009). O público e o particular. (p.402-38). In Chartier, R. (Ed.). *História da vida Privada* 3. Cia das Letras.
- Dumont, L. (2000). *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Editora Rocco.

- Haroche, C. (2013). A invisibilidade proibida. In Aubert, N. & Haroche, C. (Eds.). *Tiraniyas da visibilidade*. Editora Fap-Unifesp.
- Heldman, J. (1990). How wealthy is Mr. Darcy – Really?. In *Persuasions: Journal of The Jane Austen Society of North America*, N° 12, p.38-49. <<http://www.jasna.org/persuasions/printed/number12/heldman.htm>>
- Iser, W. (1993). *The fictive and the imaginary: charting literary anthropohy*. The John Hopkins University Press.
- Murray, J. (1999). *Hamlet on the Holodeck: the Future of Narrative in Cyberspace*. The MIT Press.
- Revel, J. & Ranum, O. & Flandrin, J-L. & Gélis, J. & Foisil, M. & Goulemot, J. M. (2009). Introdução. (p.164-69). In Chartier, R. (Ed.). *História da vida Privada 3*. Cia das Letras.
- _____. Os refúgios da intimidade. (p.211-63). In In Chartier, R. (Ed.). *História da vida Privada 3*. Cia das Letras.
- Rodríguez, N.M.G. (2015). Looking for Austen in the 21st century. In *Huarte de San Juan: filología y didáctica de la lengua*, N° 15, p.129-148.
- Sibilia, P. (2008). *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Editora Nova Fronteira.
- Simmel, G. (1998). O indivíduo e a liberdade. (p.109-117). In Souza, J; Öelze, B. (Eds.). *Simmel e a modernidade*. UNB.
- Todd, J. (Ed.). (2005). *Jane Austen in context*. Cambridge University Press.
- _____. (2017). *The Jane Austen treasury: a delightful collection of insights into her life, her times and her novels*. AndreDeutsch.
- Viveiros de Castro, E. (2002). O conceito de sociedade em antropologia. (p.182-199). In *Teoria & Sociedade*, v.5.